

CRÍTICA

TEMPO DE ANGÚSTIA - Rogério de Freitas AS ESCARPAS DO MEDO - Luís Cajão O ANJO ANCORADO - José Cardoso Pires

SEJAM quais forem as restrições que tenham de pôr-se às actividades literárias do nosso meio e do nosso tempo, parece não haver dúvida de que se regista, no actual momento, um renascimento literário, mais do que isso, um interesse do publico pela literatura, que são tanto mais de assinalar quanto é certo que um e outro se processam alheios a sujeições de escolas definidas ou em vias de formação. Não diremos que seja pura

coincidência qualquer ponto de contacto que se verifique entre obras de autores diferentes; antes se reconhece a marca da época que vivemos nos livros de escritores que não se submetem a leis colectivas e cujos estilos, processos e intenções divergem até profundamente.

Essa diversidade na unidade que é, a nosso ver, éptimo indicio de reconstrução literária, ou melhor, de revigoramento da consciência de uma classe responsável que tantas vezes se submergia em pequenezas ou caprichismos de tendência estética, permite-nos falar hoje de três autores que não têm entre si outra afinidade que não seja a, de não possuírem um largo passado literário. Nem sequer, em rigor, se poderão considerar da mesma geração, já que entre o nascimento de Rogério de Freitas, escritor revelado algo tarde, e o de José Cardoso Pires medeia um espaço de quinze anos, que representa alguma coisa na aquisição do peculio intelectual e moral e consequentes reacções emocionais com que os homens, sejam ou não escritores, respondem á vida do seu tempo. É fora de duvida que aos três escritores se pode atribuir uma ascendência comum, a do neo-realismo, cujo largo surto se situa muito para além das contingenciais experiências com que surgiu e se manteve entre nós. Demasiado, contudo, se tem insistido na valorização exclusivamente escolástica de obras cujos autores não aspiravam

porque há quem aspire — a ser colocados numa moldura constringente da personalidade. E assim se registou já o facto de dois criticos dos mais responsáveis condenarem uma mesma obra porque as suas visões antagonicas, aliás irmanadas no mesmo aspecto restritivo, enxergavam, de um lado, excesso de apego á fórmula neo-realista, do outro, lamentável abandono das realidades que o mesmo movimento pôs no primeiro plano das preocupações literárias...

Para que se entenda o quanto de genérico há na nossa afirmação de uma remota identidade de obras tão dissemelhantes, digamos, antes de mais nada, que nem *Tempo de Angustia*, nem *As Escarpas do Medo*, nem *O Anjo Ancorado* seriam possíveis há vinte anos; mas que tão-pouco o seriam agora, a menos que um esforço de identificação dos respectivos autores com as correntes mais significativas das ultimas décadas — referimo-nos á arte narrativa, naturalmente — os levasse a afirmarem-se isoladamente, sem o eco que o neo-realismo teve entre nós.

Rogério de Freitas manifesta, em *Tempo de Angustia*, uma diligência na construção e no estilo que é mais patente se confrontarmos o romance com os livros de contos que o precederam. Há, naturalmente, entre o conto e o romance diferenças extrinsecas e intrinsecas que não podem deixar de notar-se no mais característico dos escritores, seja qual for o factor que o torne característico. Nada, porém, nos levaria a visonar no autor de *A Porta Fechada* e de *Um Resto de Esperança*, mau grado o sentido humano dos seus contos, o romancista que com tamanha lucidez escarpeliza alguns dos males do seu e do nosso tempo, num conjunto de carácter certamente episódico, mas com uma continuidade que lhe é dada pela personalidade da protagonista, que é também a narradora. Ao referirmo-nos ao esforço de estilo demonstrado pelo romancista, de modo algum queremos significar uma caracterização acentuada desse estilo em relação aos restantes elementos, ou sequer uma perfeição de linguagem que se imponha ao leitor. O mérito desse estilo reside precisamente na naturalidade com que ele decorre da narração da figura central, que al-

(Continua na 10.ª pág.)

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

CRÍTICA LITERÁRIA

(Continuação das págs. centrais)

gumas vezes se curva sobre si própria, outras, perscruta nos ambientes que a cercam as causas remotas ou próximas da sua queda, sem nunca chocar com eruditismos de expressão ou pedantaria de atitude literária. Por outro lado, dentro da dispersividade dos episódios, alias adequada ao sentido «horizontal» em que se desenvolve a história — que vai da infância à idade adulta da protagonista — há um sentido de construção romanesca, ou talvez melhor, narrativa, que não é dos menores méritos do livro. Essa deslocação no tempo, dando lugar a um desfile de figuras, impede, contudo, *Tempo de Angustia* de ser um romance de personagens. Estas só vivem os instantes que são chamadas a compartilhar da acção, sem deixarem de si mais que uma impressão fugidia. As próprias figuras que mais longamente permanecem, um Andrade, incaracterístico patrão e companheiro de esturda, e um Silvío, deslavado namorador com «bom fundo», não se projectam com vigor na tecitura dramática, nem as suas humanas contradições concorrem para fazer deles mais que vagos pretextos. O «puro e ingénuo» José é uma daquelas figuras de possível existência, mas que aparecem com demasiada oportunidade nos finais dos romances em que há uma necessidade de contraste entre a desordem dos instintos e a conformidade de uma vida regrada. (Nem o esquecido autor do justamente esquecido romance *La Garçonne*, que alvorçou os meios literários de há trinta e tantos anos, nem a moderníssima Pamela Moore, autora de *Chocolates for Breakfast*, se esqueceram de personagem idêntica, com a agravante literária de acabarem por impor o seu conformismo às desvolatas protagonistas). No entanto, Rogério de Freitas tinha ensejo para, na figura da mãe, dar um contraponto humano às singularidades da sua figura principal, que não são apenas produto do meio. Num romance recente, que injustamente passou pouco menos que despercebido, *Noite de Máscaras*, de Olga Alves Guerra, há uma personagem idêntica, trágica na sua frivolidade e no seu egoísmo inconsciente, dada com um vigor que, não a isentando cabalmente de culpas, a explica perante o leitor. Em *Tempo de Angustia* o autor deixou-se resvalar na consabida atribuição de responsabilidades aos pais que não compreendem os filhos, sem a contrapartida, usualmente olvidada, de um mínimo de compreensão por parte dos filhos em relação aos pais.

Mas, se *Tempo de Angustia* não é um romance de personagens — sendo-o, aliás, de uma personagem — nem propriamente de estilo, é-o sem dúvida de ambiente. A parte algumas notas ligeiramente falsas — como o deslumbramento da loja de modas da Baixa, que oferece nocturnamente à protagonista maravilhas de gosto —, os ambientes físicos descritos coadunam-se exemplar-

mente com os ambientes morais sugeridos. Certa cena em que a protagonista (porque não tem um nome esta criatura?) se aventura numa escapada com três rapazes pouco antes desconhecidos é duma ferocidade e ao mesmo tempo duma exactidão que se erguem, em dado momento, a altitude de dilacerante e áspera poesia. Com todas as restrições que possamos pôr-lhe (toda a crítica, mesmo a que não julga mas interpreta, se funda num sentido de restrição: interpretar é já excluir os significados alheios à interpretação), *Tempo de Angustia* é um livro perturbante, que, se não transcende artisticamente a época em que foi escrito, a reflecte com uma crueza e uma sinceridade que lhe dão foros de documentário. Se exceptuarmos Faure da Rosa, talvez não encontremos entre os modernos escritores portugueses quem como Rogério de Freitas consiga fundir o libelo social, através da pintura do ambiente, com a verdade psicológica (embora essa verdade se concentre numa só figura), ao mesmo tempo fruto e elemento gerador da loucura do nosso tempo.

Em Luís Cajão não há libelo acusatório, pelo menos explícito, embora se encontrem no seu lugar as forças negativas da sociedade, mesmo através do prisma miniatural de um meio aldeão, que dominam e esmagam o indivíduo. O romancista de *As Escarpas do Medo* é demasiado artista para intervir pessoalmente no decurso de uma história que se desenvolve por si mesma. A ajuizar por uma crítica honesta — a de Franco Nogueira —, até na hesitação entre o juízo condenatório e a admissão de uma esperança, a estreira de Luís Cajão no romance esteve longe de constituir afirmação definitiva. Nestas colunas dissemos em tempo o bem que pensamos dos seus contos de *Torre de Vigia*, e o quanto nos pareceu que o contista se insinuava na trama do seu segundo romance, *Um Dia Fora do Mundo*, sem proveito para as qualidades plásticas da prosa anteriormente afirmadas. Sem renunciar à sua inclinação de nos dar vários conflitos em potência numa só obra, Luís Cajão conseguiu em *As Escarpas do Medo* a fusão da história principal com histórias secundárias, atingindo, na descrição da aldeia arriana sem demasias de localização, uma coesão artística que lhe dá jus, finalmente, ao título de romancista. Sem ser propriamente um estilista, no sentido de peculiaridades de linguagem que tantas vezes afastam o leitor da visão nítida do objecto descrito, Luís Cajão pode ser considerado um prosador de finos dons. A sua prosa, alicerçada sobre os valores tradicionais, não faltam estretecimentos modernos, de um modernismo que não é de última hora, pois remonta às inovações estilísticas do Eça, mas em que a adjectivação e certas expressões evocam um mundo anímico, fundado nas célebres «correspondências» baudelairianas. O núcleo central do romance é o gradual envilecimento dum homem sobre quem recai a suspeita de ter assassinado um companheiro na faina do contrabando, ocupação normal de ambos. Apesar dos seus minguados escrupulos, o labéu injusto — fizera tudo para salvar o amigo e não tinha culpa de que um instinto mais forte do que ele o levasse a cobiçar a namorada do outro — vai anestesiano as fracas resistências morais do Rebelo, que resvala à condição de ex-homem, roubando e violando. Em volta desta personagem e da sua trágica história erguem-se outras figuras e esboçam-se outros dramas: o Gonzaga, financiador do negócio de contrabando e explorador da miséria alheia, a quem uma crise psico-religiosa transforma em generoso benfeitor; o misógino Belmiro, melifluo e devasso, mas em cuja alma cabe a ansia de dávida dos grandes pecadores antigos transformados em santos; o Tarracha, rebotinho humano abandonado pela mulher, que encontra na amizade do Belmiro o último arrimo; padre Avelino, mansarrão e evangélico, e a sua doce irmã, que renuncia a uma existência própria para se dedicar ao irmão; a viuva, locandeira protectora de contrabandistas, capaz de se dar mas não de se vender. Luís Cajão cumpriu em *As Escarpas do Medo* o que nos parece ser a missão essencial do romancista, adentro das inumeráveis oscilações do género; reconstituir um mundo humano num ambiente verídico. Se Gonzaga evoca o neo-realismo, com convencionalismo a menos, o padre não está longe do reitor de Julio Dimis. As suas descrições de paisagem tomam o fundo do quadro sem apagarem o elemento humano. Não há cortes bruscos nem solavancos na arquitectura romanesca: porventura a personagem de Viuva resulta um pouco esfingica na ambiguidade das suas relações com o Rebelo. Mas o doseamento de descrição e de acção fica sempre no bom equilíbrio construtivo, a arte sem panfleto do autor resulta enérgica como um panfleto, o seu neo-realismo aproxima-se do realismo clássico.

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIÕES DA «P. A. A.»

Dos três escritores a que hoje nos referimos, José Cardoso Pires é o mais original, se tomarmos como originalidade uma inquietação interior que se exterioriza principalmente no sentido estético. *O Anjo Ancorado*, a que não podemos chamar romance, nem pelas proporções, nem pela «duração», nem pelo conflito, e a que o autor, em nota final, chama «fábula», dá-nos testemunho dessa inquietação, já patente nas suas *Histórias de Amor*. Lemos em Tchekov: «Se um autor se gabasse diante de mim de ter escrito uma história sem qualquer fim, mas simplesmente movido pela inspiração, qualificá-lo-ia de louco». Esta opção tem setenta anos, e de então para cá o Mundo tem dado muita volta. Mas, à parte o fluxo e refluxo de um esteticismo que a intervalos mais ou menos largos pretende impor-se como um fim em si mesmo, o problema põe-se sempre de maneira idêntica. Longe de nós a ideia de sugerir que José Cardoso Pires não tenha um fim para a sua fábula, por muito que ele o queira fazer crer adoptando, na tal nota, a vaga definição dicionarística de Morais. A verdade, porém, é que o autor de *Caminheiros* se preocupa com os efeitos exteriores, de um modo que afoga as possíveis intenções. Não é no sentido do sortilégio da prosa, que é directa e oral, que se processa tal preocupação, mas na maneira narrativa, nos a-proósitos coloquiais, nas sínteses expositivas, nas notas à margem, e sobretudo no conjunto de tudo isso, que prende e obriga o leitor a voltar a página com sofreguidão, para ao fim e ao cabo se aperceber de que a viagem se fez mais pelos atractivos que tem em si mesma do que pelo ponto de chegada. Esse ponto de chegada é, de resto, em *O Anjo Ancorado*, demasiado definido para que duvidemos que na página que traz a palavra FIM se encontre o fim a que visa Cardoso Pires. Mas o certo é que duvidamos. A decepção da rapariga das rendas que trabalhou um dia inteiro para merecer a paga antecipada do seu trabalho e que afinal o vê desprezado, posto em contraste com a frivolidade do casal que não sabe o que vai fazer amanhã, parece-nos um magro resultado de tão atraente viagem, demasiado apegado ao neo-realismo de outras eras. É certo que Cardoso Pires afirma que *O Anjo Ancorado* não é uma fábula social mas simplesmente uma fábula; é certo também que a rapariga do casal frívolo era professora — isto é trabalhava, embora não fosse erandas — e tinha o direito de ser frívola durante as férias, e que o seu par ocasional, pelo que sabemos dos seus solilóquios mentais, não é tão frívolo como isso. Por tanto nos parece que há um inicial erro de construção na fábula, que, apesar da centena e pouco mais de páginas do livro, o corpo é grande de mais para a cabeça, ou a cabeça pequena de mais para o corpo, e sem qualificarmos, como faria Tchekov, Cardoso Pires de louco — tanto mais que estamos convencidos que a sua história tem um fim —, aqui confessamos gostar mais da inspiração com que compôs as partes que do cálculo com que ergueu o todo, que apreciamos mais o talento, tão recheado de inteligência, com que reproduz os diálogos do homem e da rapariga e lhes esquadrinha os excessos íntimos, descreve o serão *artista* da Parede, conta a história do velho e do perdigoto, do que a habilidade da página final, aliás preparada lá de longe, com a Ernestina, coitadinha, de renda apertada nos dedos, chorando em silêncio. O talento de José Cardoso Pires está em plena floração romântica — eis o resultado, talvez inesperado, a que chegámos. Esperemos que o amadurecimento das suas qualidades o faça esquecer o propósito de «épater le bourgeois» sem desdenhar intuídos de escola, dando-lhe o ensejo de produzir obra à altura desse talento, que é incontestável.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE